

Martin Flesch, doutor em Medicina

Psiquiatria – Psicoterapia – Psiquiatria forense – Gestão da qualidade médica – Prática pericial em direito penal, civil e social, assim como em questões canônicas

Obere Maingasse 7 - D-97209 Veitshöchheim

Tel: 0931-32907289 / 0176- 31358578 Fax: 0931- 45325148

### **Viver com o paradoxo**

**- Um apelo para abandonar o dualismo a tempo**

**- Notas de um psiquiatra sobre o processo de esclarecimento na "Causa Kentenich" -**

- Um ensaio de análise de sistemas-

“Deus muitas vezes deixa perguntas  
quando pretende resolvê-las.”

Thomas Merton

#### **I. O "e" é crucial: ele nos protege do "ou".**

O tema da chamada "Causa Kentenich", constantemente presente nos pensamentos e sentimentos de muitos schoenstattianos desde julho de 2020, obriga todos aqueles que se esforçam para esclarecer seu ponto de vista pessoal a se confrontar, a discutir e finalmente, na medida do possível, a tomar uma posição.

A análise das reações, explosões emocionais, atitudes de protesto e demonstrações de compreensão ocorridas desde a publicação do livro "O pai pode fazê-lo" (da historiadora da Igreja Alexandra von Teuffenbach, publicado pela editora Bautz), que também poderia ser descrito - com um piscar de olhos - como o início do processo de esclarecimento de Schoenstatt, nos permitem iluminar um fenômeno que, infelizmente, parece acontecer com demasiada frequência nas corporações relacionadas à Igreja, no sentido de processos de desescalada compreendidos desta forma: trata-se do **fenômeno do DUALISMO**.

As atitudes básicas dualistas e abordagens de discussão frequentemente representam uma atitude de "ou", vêem "preto ou branco", significam "bom ou mau", e dentro da estrutura das abordagens de solução que são então elaboradas, claramente carecem do "ambos" que é tão decisivo para um processo de esclarecimento sólido.

O fato de que a **atitude básica predominantemente dualista** nas reações e esforços de limitação de danos de todo o Movimento de Schoenstatt (que muitas vezes pareceram impotentes desde a publicação do livro, pois não só já atraiu amplos círculos, mas também produziu danos colaterais não negligenciáveis e continua a fazê-lo até hoje) pode ser demonstrado, infelizmente, com não poucos exemplos de uma perspectiva psicodinâmica, ou se preferir, de uma perspectiva sócio-psicológica:

## II. Reavaliação através da desvalorização? - o "e" nos permite apreciar sempre os dois lados e criticá-los.

Desde o momento em que começaram os surtos emocionais em torno da "Causa Kentenich", não foram poucas as pessoas ou personalidades do antigo ambiente em volta do padre Kentenich que atingiram tal estima individual e tal grau de fama que, a princípio, provoca dúvidas. Entretanto, um exame mais atento deixa claro que o suposto interesse originalmente demonstrado por essas pessoas não parece aplicar-se de forma alguma à individualidade concreta ou à personalidade real das pessoas no foco de observação, mas se refere a uma intersecção que une todas as pessoas citadas desta forma em um ponto focal: elas estão em uma relação discursiva com José Kentenich, ousaram criticá-lo ou seus métodos aplicados com elas, saíram do sistema de autocompensação de Schoenstatt que era praticado naquela época. A análise dos testemunhos contemporâneos, dos testemunhos escritos e dos documentos disponíveis sobre essas pessoas aponta agora para uma prática que, infelizmente, é frequentemente observada nos círculos de Schoenstatt: parece ser que - e esta tendência não se nota apenas desde a publicação do livro da Sra. Teuffenbach em julho de 2020 - avaliações críticas das práticas de Schoenstatt, bem como do comportamento de José Kentenich, que emergem através dos testemunhos das pessoas mencionadas, parecem ser prejudiciais para uma imagem do fundador que tem sido aspirada e também defendida, um grau de exigência da chamada "santidade" desde 1968. A "santidade" (seja qual for o significado deste atributo) poderia ser posta em questão.

No entanto, não se deve ignorar neste ponto que estas declarações, por outro lado, naturalmente contradizem o fato de que muitas pessoas receberam impulsos pessoais e muito valiosos da pessoa do Pe. José Kentenich e da espiritualidade do Movimento de Schoenstatt como tal. Estas declarações também devem ser integradas nas contradições que aqui surgem, de acordo com uma abordagem global fundamentalmente tolerante.

As pessoas mencionadas são, por exemplo, a Ir. M. Anna, Ir. M. Agnes, Ir. M. Georgia, Ir. M. Gregoria, o Pe. Heinrich M. Kösters e o Pe. F. Schmidt, para mencionar apenas alguns nomes. Naturalmente, não se ignora de forma alguma que as respectivas declarações (criticadas) das pessoas acima mencionadas, bem como aquelas documentadas pela Sra. von Teuffenbach, desencadeiam perguntas críticas nos leitores que são informados no contexto histórico. Mais uma vez, é necessário aceitar o paradoxo que brilha neste ponto e integrá-lo na abordagem geral.

O tratamento schoenstattiano destas personalidades, tanto nos últimos 50 anos, mas especialmente desde 2020, do ponto de vista psiquiátrico e psicopatológico, não só surpreende com incredulidade, mas também produz no observador especializado uma reação

a estes procedimentos que beira a incompreensão e a rejeição e questiona a necessidade de mais discussão.

Sem dúvida, com o passar do tempo, observa-se que as pessoas que adotam uma posição crítica em relação à pessoa de José Kentenich são **tratadas como patológicas** de uma forma que desmente qualquer competência psicológica, psicopatológica e psiquiátrica profissional - na medida em que, neste contexto, termos técnicos contendo uma avaliação patológica foram e são utilizados sem que se tenha tido o cuidado necessário para a percepção fenomenológica e a posterior classificação e atribuição de acordo com sistemas de diagnóstico válidos internacionalmente.

Observa-se também que em alguns ramos do Movimento são organizadas e realizadas as chamadas "noites de informação e conferências", que no final não têm outro resultado senão certificar déficits sócio-psicológicos, déficits de comunicação e de personalidade e, não menos importante, doenças psicológicas para as pessoas assim estigmatizadas, que se destinam a limitar ou mesmo eliminar sua capacidade de julgamento e crítica e de participação no contexto da história de Schoenstatt. Este procedimento e a disposição a esta atitude básica não só são condenáveis do ponto de vista psiquiátrico profissional, mas não deveria ter nada (mais) a fazer dentro de um Movimento que atesta uma "vida santa" de seu fundador.

Por um lado é certamente compreensível - também do ponto de vista psiquiátrico - que estes chamados atos informativos e educativos se baseiem numa investigação exaustiva do material de arquivo disponível, mas por outro lado mostram uma clara tendência a apontar o problema em questão, possivelmente de forma demasiadamente unilateral, em detrimento das pessoas mencionadas.

Infelizmente, neste contexto se ouve e se lê sobre o "comportamento esquizofrênico", a "histeria feminina", o "desejo doente de reconhecimento", a "compulsão psicológica" e a "natureza anti-social". Entretanto, é duvidoso que os oradores que usam estes termos estejam mesmo cientes dos danos que estão infligindo às testemunhas contemporâneas em questão, tratando-as como patológicas. Em casos extremos, pode-se até ouvir os termos "traidor/traidora" murmurados se se seguir a discussão de perto. Não é necessária mais discussão para levantar a questão de se esta prática de esclarecer o processo é digna de um Movimento de fé.

### III. Homem ou santo? - o "e" nos ajuda a ver e aceitar o lado escuro que existe em nós.

No caminho de nossa contínua consideração analítica, a análise da história do processo de beatificação do padre Kentenich leva inevitavelmente a uma ideia básica que certamente não pode ser questionada: José Kentenich era antes de tudo um homem de carne e osso. Como nós, passou pelas fases de desenvolvimento da infância e adolescência, no final das quais veio a juventude e finalmente a personalidade madura de José Kentenich. Relações quebradas, vazios, crises e abandonos que tiveram que ser superados formaram a extraordinária estrutura da personalidade de um homem que não só sobreviveu a graves crises existenciais, à prisão e a vários anos em um campo de concentração, mas que também tornou esses tempos férteis

para seu Movimento de fé. O papel desempenhado pelas graças divinas neste processo não será discutido aqui como uma questão prioritária.

O reconhecimento, entretanto, de que se trata em primeiro lugar de um indivíduo que pensa, sente, age e acredita, deixa - naturalmente e também necessariamente - espaço para a aceitação das variedades dos estados humanos do ser e dos traços de caráter, que no contexto de sua eficácia no nível de ação naturalmente também incluem intensificações e desenvolvimentos conflitantes no trato com semelhantes, pessoas que foram confiadas a ele e os irmãos na fé. Ninguém é perfeito e impecável em suas ações e palavras, apesar de seus constantes esforços e empenho com base nos talentos e habilidades que lhe foram dados. A responsabilidade dada a José Kentenich de fundar e liderar um Movimento mundial de fé com numerosos membros, naturalmente implica que dentro da tarefa de liderança que tem que ser realizada desta forma, também haverá decisões erradas, reações inadequadas ou o julgamento errado das pessoas, que se enquadra no âmbito do normal ("assim como as pessoas são"). São precisamente estes traços da personalidade do fundador, José Kentenich, que não podem ser descartados, que agora estão sendo apontados nas publicações mais recentes - e isto está provocando uma reação mais do que irritante e turbulenta na esfera de Schoenstatt. Muitos schoenstattianos vêem agora o processo de beatificação, que já se arrasta há bastante tempo, em perigo. As observações da autora, que devem ser consideradas de forma muito diferenciada e crítica, conduzem efetivamente à questão de quais limites pessoais existiam para José Kentenich e como estes afetavam suas ações e seu Movimento.

***Como é possível que essas contra-reações, às vezes muito violentas e às vezes inadequadas, possam ocorrer?***

Assumi-se seriamente que uma pessoa como José Kentenich não possuía reações e características psicológicas normais, ou simplesmente não **deveria** possuí-las, porque como resultado ele já não corresponderia mais ao campo de projeção que aparentemente muitos membros do Movimento reivindicam (ou precisam) para si mesmos?

Surge a impressão de que a "humanização" do fundador, desencadeada pelas publicações, leva muitos schoenstattianos afetados a temer que no futuro terão que viver com uma imagem desviada do fundador, que já não satisfaz mais suas próprias ações, esperanças na fé e atributos projetados sobre ele. O fato de que mecanismos de enfrentamento como sentimentos negativos de medo, raiva, ira e tristeza sejam então desencadeados, também é compreensível de um ponto de vista psicológico normal.

Neste ponto, deve-se notar que o Movimento já passou por um processo semelhante de esclarecimento e revalorização há cerca de 30 anos, especificamente no contexto da revelação das origens ilegítimas de José Kentenich, o que no final levou a uma compreensão mais profunda da personalidade de José Kentenich.

Este processo no Movimento, que já foi positivamente superado há 30 anos, poderia portanto representar um claro recurso na experiência coletiva para enfrentar os desafios atuais de uma visão mais diferenciada da imagem pessoal de José Kentenich.

Mas não se deve ficar **somente** neste nível. A extraordinária obra da vida de José Kentenich e o resultado de sua vida nunca estão em dúvida. Finalmente, é conveniente abandonar a abordagem dualista do argumento de que somente um fundador "santo" e imponente, que assim aparece historicamente sem culpa ou censura, pode desenvolver uma repercussão correspondente que perdure no tempo.

Claro, quem subscreve não nega neste ponto que as publicações mais recentes também abordam aspectos de abuso, bem como a questão de se as ações de José Kentenich, que se refletem em testemunhos contemporâneos, correspondiam a estes critérios (fenomenológicos).

As acusações contra o fundador, de ter cometido abuso e violência sexual nos períodos mencionados, estão atualmente sendo trabalhadas dentro de um processo de esclarecimento objetivo. Em entrevista a um jornal eclesialístico de Tréveris, o bispo de Tréveris explicou recentemente as razões pelas quais ele queria convocar um grupo de especialistas em vez de uma comissão de historiadores, como anunciado inicialmente. A razão apresentada foi que o novo procedimento permitiria maior liberdade no método de trabalho. Juntamente com os comissários, seria possível agora definir várias tarefas relacionadas a aspectos históricos, psicológicos ou pedagógicos. Assim, seria possível comparar e discutir resultados intermediários e, acima de tudo, lidar abertamente com os resultados.

Entretanto, o bispo de Tréveris também explicou que a razão disso era o **respeito pelas possíveis vítimas, cujas acusações ele levava a sério**.

#### **IV. Lealdade aos princípios (pressão dos estatutos) ou empatia compassiva? - o "e" não confia em nenhum amor que não seja ao mesmo tempo justa.**

O "respeito pelas pessoas possivelmente afetadas, cujas acusações devem ser levadas a sério", como formulado pelo bispo de Tréveris, afasta o foco do fundador no contexto de mais um passo no desenvolvimento de nossa discussão e o direciona mais para os membros do Movimento de Schoenstatt que estão atualmente vivos e ativos:

Enquanto isso, as pessoas que se manifestaram e que vivem no tempo presente, se sentem desconfortáveis com os desenvolvimentos dentro da "Causa Kentenich". Elas se lembram da forma como foram tratadas pelos schoenstattianos dentro de seu ramo do Movimento. Em particular, estas chamadas "pessoas afetadas" reconhecem para si paralelismos assustadores, ou seja, entre o descrédito das pessoas que viveram e trabalharam no ambiente de José Kentenich e que se expressaram de forma crítica (como descrito) e os padrões de comunicação e avaliação que lhes foram aplicados nos últimos 20 anos.

São principalmente vítimas individuais dos vários ramos, as quais tiveram que viver essas experiências em seus respectivos contextos e compartilhá-las com o que subscreve no âmbito de suas atividades dentro de seu consultório, mantendo o sigilo médico. No entanto, do ponto de vista terapêutico, também deve ser enfatizado que o objetivo neste contexto não era desacreditar tendencialmente os "críticos", mas captar o sofrimento psicológico que

subjetivamente sentem os afetados em seus próprios contextos e levá-lo a um nível lingüístico (também uma tarefa de psiquiatras e psicoterapeutas).

Em outras palavras, as pessoas assim designadas como "afetadas" sentem-se feridas, desvalorizadas, humilhadas e - infelizmente é preciso usar este termo - realmente traumatizadas por ações muito semelhantes dentro do Movimento.

No âmbito do processo de esclarecimento em curso no Movimento, a partir da "causa Kentenich", já é hora de refletir sobre formas de tratamento nos ramos do Movimento, para que sejam empáticas, compassivas, mas sobretudo transparentes, que busquem abertamente a verdade e que não restrinjam a liberdade dos membros dos ramos do Movimento aos quais (ainda) se sentem chamados, nem os empurrem para a beira de graves crises existenciais e psicológicas. Neste ponto, o apelo se torna inevitavelmente forte por um cuidado maior consigo mesmo, por uma disponibilidade para dirigir-se à pessoa confiada aos seus cuidados com todo o compromisso de caridade, pastoral e cuidado jesuânico e para dizer finalmente - deve ser enfatizado de novo - adeus à plataforma de um dualismo no Movimento que se tornou insuportável.

#### **V. Progressão ou crosta conservadora? O "e" nos ajuda a viver no agora eternamente imperfeito.**

Com a devida compreensão para a conclusão intencional da "Causa Kentenich", resta dizer que o efeito externo atual do Movimento ***nunca será medido exclusivamente*** pela quantidade de energia, tempo, compromisso e sangue vital que foi investido na revalorização e apresentação final da personalidade do fundador.

É compreensível que, neste momento, muitos recursos tenham que ser empregados em todos os ramos do Movimento. Ao mesmo tempo, a sensibilidade daqueles que sofrem com isso não deveria mais sofrer restrições às correntes dos tempos, aos sinais dos tempos. As numerosas necessidades e a miséria social da época atual estão à porta e estão esperando para serem remediadas ou para que soluções sejam encontradas. Schoenstatt está atualmente se movendo neste nível dos tempos? Ou muitos recursos estão sendo investidos de forma dualista e narcisista em um processo que está ofuscando tudo, um processo que certamente também deve acontecer? Não devemos esquecer os esforços para o futuro, como o compromisso nas Academias Familiares, a "Pastoral am Puls", os projetos impressionantes de trabalho com os jovens (especialmente durante a pandemia do coronavirus). Entretanto, devemos enfrentar as questões acima mencionadas de forma construtiva:

Temos respostas para as situações sociais angustiantes? Temos respostas para oferecer ao movimento migratório (80 milhões de refugiados em todo o mundo)? ***Como movimento de fé dos novos tempos (Kentenich) também temos nosso ouvido no pulso do tempo?***

Temos respostas para a política de exclusão da União Européia em relação aos refugiados, que despreza os direitos humanos? Temos respostas caridosas para a falta de moradia social em

nosso país? Temos respostas para a crescente falta de recursos? Temos soluções caritativas, pastorais e de acompanhamento para aqueles que buscam, para os desenraizados, para os traumatizados...? Vemos as figuras marginais em nossa sociedade e nos preocupamos com elas?

Já existem abordagens muito boas e projetos comprometidos que tratam do acolhimento e acompanhamento de refugiados, especialmente nos centros dirigidos pelas Irmãs de Maria de Schoenstatt em Herxheim e Borken, por exemplo. Também vale mencionar a "Ação de Sinal Brilhante" (Aktion Lichtzeichen" para mães em situação de vulnerabilidade) e os projetos de caridade em Belmonte.

Se afirmamos que queremos enfrentar as correntes do nosso tempo de forma transparente, orientada para soluções e com empatia, devemos também nos perguntar até que ponto estamos preparados para lidar com essas mesmas correntes e desenvolvimentos, de um ponto de vista fenomenológico, e seus conteúdos de forma igualmente aberta e transparente. Afinal de contas, é de pouca utilidade se - como infelizmente ainda está consideravelmente difundido dentro do Movimento - forem tomadas iniciativas (negligência específica das atividades destas disputas) que busquem trabalhar no sentido de proibir a leitura das últimas publicações da Sra. von Teuffenbach.

Como haverá um debate competente, transparente e no mesmo nível, se os membros do movimento – em postos de liderança - não se esforçam nem mesmo para tomar nota dos documentos que são objeto do processo? Também neste contexto só pode haver uma advertência persistente contra um dualismo progressivo que se arrasta. É claro que não se deve esquecer que o arquivo de Limburgo não foi acessível por muito tempo e que, naturalmente, devido à pandemia, não foi possível realizar uma investigação mais intensa, nem mesmo nos arquivos de Roma.

## VI. É hora... de ouvir a alma (as almas) .....

Já é hora de enfrentarmos este processo de esclarecimento. Quem simplesmente se limite a proclamar estes conteúdos, mas não tiver a prática correspondente, acabará num cenário que foi deixado fora do tempo, cuja estrutura apresentará então apenas uma imagem distorcida da realidade anterior, mas não terá mais nada a ver com a irrupção das correntes dos novos tempos.

Ousemos falar abertamente entre nós - sem o medo ainda palpável das consequências e do desprestígio "em todos os lugares" - para expressar nossa opinião, para ouvir a perspectiva do outro, para ponderar os argumentos. Digamos também "sim" aos lados escuros e às partes, tenhamos a coragem de integrá-los. A existência humana, as formas de ser da alma humana e a estabilidade psíquica duradoura não são compatíveis com o dualismo de longo prazo. Digamos adeus às estruturas dualistas e narcisistas ligadas ao anseio de reconhecimento e olhemos juntos para o futuro de uma forma tolerante, empática e dinâmica. A vontade de pensar sobre este processo é o primeiro passo para sair do dualismo e o primeiro passo para a tolerância do "e".



## ***Não seremos julgados por nossa capacidade de integração até depois de amanhã!***

A forma especial de espiritualidade da vida diária que emerge do Movimento de Schoenstatt nunca poderá refletir, no âmbito de sua preservação e conservação, apenas seu próprio fim em si, se quiser levar em conta a salvação concreta das almas e o acompanhamento de nossas partes da alma cheias de anelos.

Certamente temos formas e estruturas muito diferentes dentro do Movimento nos diferentes ramos, cuja diversidade e conjunto próprio não são desconsiderados neste ponto. Entretanto, o excesso de estruturas hierárquicas, a revelação de necessidades narcisistas, o serviço dos campos de projeção em grau pouco saudáveis, a formação de camadas de opinião, bem como a exclusão, a demarcação, as repreensões e reprimendas, até mesmo lesões anímicas concretas e duradouras (que no pior dos casos podem se tornar traumas) também nos mostram que devemos cuidar dessas estruturas anímicas aqui e agora, mas também a médio e longo prazo, também em Schoenstatt, também em nosso Movimento.

Reconheçamo-nos, portanto, nas "estruturas marginais", evitemos o dualismo e o particularismo, demos também uma chance ao "outro" que existe em nós, mas também em nossa contraparte.

### ***Se a alma individual está doente, o mesmo acontece com toda a estrutura do Movimento.***

Com base na citação inicial deste relatório, um arco de tensão inovador e amplamente integrador em nossas discussões chega assim ao fim, apesar de todos os paradoxos. Há oportunidades suficientes e sinais dos tempos para deixar para trás os níveis dualistas de conflito e olhar com esperança para os novos tempos.

Para isso, temos à nossa disposição diretrizes decisivas, basta retomá-las e utilizá-las de forma criativa:

Levemos em conta a personalidade do fundador, apreciemos o trabalho de sua vida e sua atividade caritativa, mas permitamos também reflexões e análises de sua personalidade que possam mostrar os limites de sua estrutura pessoal.

Em segundo lugar, a ação de Deus na história permanece ininterrupta (é claro), aqui ainda é necessário analisar construtivamente os sinais dos tempos. Deus também trabalha com paradoxos, os quais o homem muitas vezes tem dificuldade de suportar. Muitas vezes, no entanto, o "ou" demonstra ser mais propositivo e integrador. O "ou uma coisa ou outra" termina, com base em suas normas, não raras vezes em conflito.

No entanto, em última análise, a cura da alma do indivíduo único, do ser humano único e concreto, está sempre em primeiro plano de todas as considerações e esforços realizados (esta deve ser, pelo menos, a abordagem terapêutica básica de todo psiquiatra, psicopatologista e terapeuta). O manejo adequado das estruturas mentais, do sofrimento mental e da vida e a



dinâmica relacionada a eles deve ser nossa máxima de ação. Vamos seguir este caminho!

*Quem subscreve considera possível, e não o exclui de modo algum, que devido a sua disposição de publicar o ensaio nesta plataforma (schoenstatt.org) lhe seja tendenciosamente atribuído um foco de opinião muito específico por não poucos leitores do Movimento de Schoenstatt. Se este fosse o caso, seria mais uma prova do método de avaliação dualista discutido e avaliado criticamente neste artigo, assim como do fato de que as tendências dualistas fomentam um particularismo cada vez mais estreito.*

*Veitshöchheim (Franken), março de 2021*

*Martin Flesch, doutor em medicina*

*Original : Alemão. Tradução do espanhol : Luciana Rosas, Curitiba, Brasil*